

ETNIA, CULTURA E MEMÓRIA: O PROCESSO ESCOLAR ENTRE IMIGRANTES EM PERSPECTIVA HISTÓRICA.

Ethnicity, Culture and Memory: The Academic Process among Immigrants in a Historical Perspective.

Elaine Cátia Falcade Maschio¹

Resumo

O presente trabalho discute a etnia, a cultura e a memória como categorias teórico-metodológicas e como campo de investigação da análise histórica do processo escolar entre imigrantes. Analisa como o aporte dessas três categorias auxilia a compreensão e produção de conhecimento em torno da história da escolarização dos grupos étnicos estrangeiros no Brasil, no reconhecimento de suas estratégias educativas como instrumento de manutenção da identidade étnica e como contributo na expansão da escolarização no território brasileiro. E, por fim, ilustra a discussão através da análise de dois trabalhos que têm como aporte teórico e metodológico a utilização da etnia, da cultura e da memória na compreensão do processo escolar entre imigrantes na perspectiva histórica.

Palavras-chave: processo escolar, imigração, perspectiva histórica.

Abstract

The present study examines ethnicity, culture and memory as theoretical-methodological categories and as field of investigation of the historical analysis of the academic process among immigrants. It analyses how the contribution of these three categories assists the comprehension and the knowledge production on the history of the education of the foreigner ethnic groups in Brazil, in what concerns the acknowledgement of its educational strategies as a tool to maintain de ethnic identity and as a contributor in the expansion of education in Brazil. Finally, it illustrates the discussion through the analysis of two other works that utilize ethnicity, culture and memory as a theoretical and methodological support for the comprehension of the academic process among immigrants in a historical perspective.

Keywords: academic process, immigration, historical perspective.

¹ Pedagoga e Mestre em Educação – UFPR. Professora de Fundamentos Históricos da Educação do Curso de Pedagogia da Faculdade Internacional de Curitiba. efalcade@facinter.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a etnia, a cultura e a memória como categorias teórico-metodológicas e como campo de investigação da análise histórica do processo escolar entre imigrantes. Analisa como o aporte dessas três categorias auxilia na compreensão e produção de conhecimento em torno da história da escolarização dos grupos étnicos estrangeiros no Brasil, no reconhecimento de suas estratégias educativas como instrumento de manutenção da identidade étnica e como contributo na expansão da escolarização no território brasileiro.

O estudo da educação e da etnia entre imigrantes alemães, italianos, poloneses, japoneses, árabes, entre outros, propicia ao pesquisador em história da educação reconhecer a constituição do processo de escolarização, as estratégias de ensino, os sujeitos, as relações de permanência e rupturas das práticas oriundas, entre outros aspectos que concorrem para a preservação ou não da cultura do grupo em questão. Sendo assim, a pesquisa do processo escolar entre os grupos étnicos estrangeiros através da discussão das relações de etnicidade, cultura e memória em educação, incrementam o debate historiográfico educacional, engendrando uma dimensão ampla de conhecimento em torno da história da escolarização no Brasil.

Essa abertura para o diálogo entre a relação étnico-educacional apresenta-se numa perspectiva nova dentro da pesquisa em História da Educação Brasileira. Nos últimos anos, vemos que o estudo das relações étnicas e do processo escolar em perspectiva histórica se apresenta numa diversidade de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos, abordando a educação dos imigrantes que aportaram no país em determinados momentos históricos e em diferentes regiões.

Os estudos que se reportam à temática da imigração tiveram grande ênfase nas décadas de 1970 e 1980. Muitos trabalhos foram produzidos naquele momento e merecem destaque por proporcionar o conhecimento da dinâmica da política imigratória nos seus mais

diferentes aspectos e o conhecimento da formação econômica e social das cidades que receberam a colonização estrangeira. Por outro lado, o aspecto educacional dos imigrantes sempre foi deixado de lado ou, quando tratado, foi feito com superficialidade.

Concomitante ao diálogo dos pesquisadores em educação com outras áreas do conhecimento, especificamente com as Ciências Sociais, a expansão da pesquisa historiográfica em educação apontou para a possibilidade de novas fontes, novos problemas, novos objetos de estudo e novas abordagens teórico-metodológicas. Nessa direção, no campo da História da Educação, gerou-se nos últimos anos um interesse significativo pela investigação do processo escolar entre imigrantes no Brasil. Novos olhares têm-se voltado para a análise da imigração no século XIX e XX, tornando-se inclusive objeto de estudo entre os historiadores da educação.

De acordo com Maisa Rodrigues (2006, p. 1355):

Como campo relativamente recente de análise, a educação de imigrantes tem suscitado debates e trabalhos que envolvem diferentes abordagens e visões sobre o étnico, etnia e imigrante. No entanto, se apresenta como um campo fecundo de debates em função de sua recente estruturação no contexto da História da Educação no Brasil.

Para ilustrar esse “campo fecundo”, Rodrigues realiza um levantamento nos principais congressos científicos sobre Educação no Brasil, entre os anos de 1995 a 2005, revelando que a produção de trabalhos com essa abordagem vem sendo significativa a partir de 2000. Contabilizou um total de 23 trabalhos que se reportavam aos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina, tratando de seis etnias distintas:

No conjunto das produções, os grupos imigrantes estudados são os italianos, judeus, alemães, portugueses, japoneses; sendo que estudos sobre os alemães ou teuto-brasileiros correspondem a sete trabalhos, os italianos a cinco, os portugueses, japoneses, franceses e judeus a um trabalho cada um. Um estudo aborda duas nacionalidades, a saber, japoneses e portugueses; outros seis estudos abordam mais

de uma nacionalidade ou a questão da etnia de forma mais geral. (RODRIGUES, 2006, p. 1357)

Nesse ínterim, infere-se que estudar o processo escolar através do viés étnico-cultural é, pois, buscar compreender como o ensino se configura em determinados grupos, contemplando suas diferenças culturais e suas contribuições na organização do próprio processo escolar do país.

Etnia e Cultura no processo escolar histórico.

A etnia, concebida como categoria de análise na investigação do conhecimento histórico educativo entre imigrantes deve-se, de acordo com Lúcio Kreutz (1998), comparar-se às análises feitas sobre as relações de gênero, de categorias de classe, entre outras. O estudo da etnia, o qual o autor considera como uma importante categoria de análise para a educação, significa um avanço no esforço metodológico, que contribui para o entendimento das diferenciações culturais no que tange ao processo escolar.

A opção por etnia como uma categoria de análise em educação não se opõe e nem substitui as categorias de classe, de gênero e outras. Ajuda, sim, a ampliar a ótica de análise, com potencialidade para detectar aspectos de trama das ações e das relações humanas a partir de vivências e simbologias. Significa um avanço no esforço metodológico que ajuda a compreender de que forma o processo educacional e escolar tem se desenvolvido em relação à diferenciação cultural. (KREUTZ, 1998, p. 03)

Essa diferenciação cultural tratada nos estudos da etnicidade advém de uma heterogeneidade presente no seio dos diversos grupos sociais e, especificamente, sobre os grupos sociais formados pela imigração de diversas etnias. Entretanto, resulta também de diferentes vivências experimentadas por cada um desses grupos étnicos.

A escola por sua vez - inserida numa dimensão cultural - apresenta-se como um espaço onde irão aparecer relações conflitantes, confrontos e interações, bem como,

representa também um espaço de manutenção de valores, costumes e crenças relacionadas ao pertencimento de cada etnia.

Portanto, entender o termo *cultura* na perspectiva histórica é fundamental para reconhecer como essas relações afetam o processo de escolarização. O termo *cultura* é aqui entendido a partir de E. P. Thompson (1998), ou seja, um termo que reúne tantas atividades e atributos, sendo necessário examinar cada um deles: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais de hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração.

Cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração. (THOMPSON, 1998, p. 22)

Se a cultura é, por sua vez, um conjunto de práticas e relações simbólicas e significativas construídas pelos grupos, convém destacar que havendo em um mesmo espaço territorial diferentes grupos com diferentes culturas, o processo educativo vai ser permeado pelas interferências culturais de cada um desses grupos. Assim, na escola poderão aparecer relações de conflitos e busca de hegemonia, podendo ocorrer a reafirmação da identidade de um grupo em relação ao outro na busca da manutenção da sua cultura ou não.

Por isso, o estudo privilegia a dimensão étnico-cultural entendendo e concordando com Kreutz (2001, p. 123) que:

A dimensão étnico-cultural é construída e reconstruída constantemente num processo relacional em que os grupos e indivíduos buscam, selecionam, ou relutam em função do significado que fenômenos e processos têm para eles. Por isto a educação e a escola são um campo propício para se perceber a afirmação dos processos identitários e os estranhamentos e as tensões decorrentes da relação entre culturas.

O estudo dessas relações abre um leque de possibilidades de análise do processo escolar seja ele intra e/ou extra-escolar, ou seja, possibilita a verificação do processo de escolarização de imigrantes contemplando, além de aspectos da cultura escolar instituída no interior das escolas como as práticas educativas, os alunos e professores, aspectos da história institucional, abordando elementos de estudo da organização do processo de ensino entre os imigrantes como: a criação de escolas étnicas, reivindicação por um sistema de ensino público nas colônias, vinculação do ensino com instituições religiosas, entre outros.

Seguindo uma abordagem ainda mais atual, nos deparamos com outro termo relacionado ao aspecto educacional pelo viés cultural, que é o termo *cultura escolar*. Inferindo sobre os aspectos da cultura escolar, levando em conta a abordagem étnica, é possível estabelecer uma relação com o aporte teórico que alguns autores como Dominique Julia (1993) e Viñao Frago (1995) apresentam enquanto concepção de cultura escolar. Esses autores permitem compreender que a escola compactua de saberes e práticas instituídas por determinados grupos sociais, bem como com aquela sociedade em que a escola está inserida. Assim, concordando com Julia (1993, p. 9), que entende a cultura escolar

[...] como um conjunto de normas que definem saberes a ensinar e condutas a inculcar em um conjunto de práticas que permitem a transmissão destes saberes e a incorporação destes comportamentos, normas e práticas estando ordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente socialização).

É possível estabelecer essa relação com o papel que determinados grupos étnicos atribuíram à escola, enquanto perpetuadora de uma cultura instituída pelo seu próprio grupo ou como instrumento de adaptação à nova sociedade, como em ambas as possibilidades configuram-se o caso dos imigrantes.

Um exemplo dessa relação de atribuição de importância dado ao ensino pelos grupos étnicos, neste caso constituídos por imigrantes europeus, foi a criação de uma rede de

escolas comunitárias no final do século XIX, que conforme Kreutz (2000), foi uma característica do ensino entre os imigrantes que aportaram, principalmente, no sul do país. Segundo o autor, as iniciativas pelo ensino partiam normalmente dos próprios imigrantes mediante a falta de interesse do governo em disseminar a escola pública nas colônias. Muitos imigrantes demonstravam consciência sobre a importância do ensino, assim, a criação de uma rede de escolas comunitárias garantiria a educação de seus filhos e a manutenção de diversos aspectos culturais.

Substituindo o trabalho escravo e com dificuldade para obter o direito à naturalização... [os colonos estrangeiros]... foram os que tiveram as iniciativas mais marcantes quanto à manutenção de especificidades culturais como idioma, organizações religiosas, associativa e escolar. Porém, é mais característica do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX a formação de instituições comunitárias para a manutenção da tradição cultural especialmente entre imigrantes de áreas rurais nos estados do sul. As escolas étnicas foram marcantes nesse contexto e período histórico. No entanto, são frutos apenas da preocupação de imigrantes com a sua tradição cultural. Parte dos imigrantes provinham de forte tradição escolar em seu país de origem, era alfabetizada e cônica da importância da escola, porém, não encontrando escolas públicas nem muitas perspectivas para serem atendidos seu pleito, os imigrantes puseram-se a organizar uma rede de escolas comunitárias. (KREUTZ, 2000, p. 348)

As escolas comunitárias, que por muito tempo fizeram o papel do governo, no que tange ao ensino da infância imigrante, constituíram-se em formas de manutenção de especificidades culturais, tais como: idioma, costumes, valores, entre outros. As estratégias concebidas por cada grupo étnico com o intuito de garantir o ensino escolar a seus filhos e descendentes, de modo geral, foram experiências distintas que ocorreram no seio de cada grupo social.

A Memória e a Educação dos Imigrantes.

Reconhecendo a etnia e a cultura como categorias de análise e campo de investigação do processo escolar, avançamos para o trato metodológico do fazer historiográfico e inserimos aqui a discussão sobre a *memória*.

A análise das fontes históricas permite ao historiador em educação adentrar no universo do passado, no que tange, especificamente aqui, à escolarização de imigrantes. Esse viés é apenas um dentre as diversas possibilidades que o historiador tem de analisar o objeto de estudo em questão, ou seja, o historiador tem uma multiplicidade de fontes que lhe permitem olhar o objeto de vários prismas e até mesmo inter-relacioná-los.²

Dar lugar à memória, isto é, à utilização das fontes orais, dos depoimentos daqueles que vivenciaram esse passado, possibilita olhar o objeto – no caso o processo escolar dos imigrantes – a partir das representações desses sujeitos.

A memória, segundo De Decca (1993, p. 130),

[...] é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente. [...] porque ela é afetiva e mágica, a memória se acomoda apenas nos detalhes que a conformam; ela se nutre de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólica, sensível a toda transferência, censura ou projeção.

Na leitura de alguns trabalhos realizados sobre a educação de imigrantes no Brasil, foi possível observar o uso das fontes orais para o aprimoramento dos aspectos que remetiam à cultura escolar instituída dentro do processo de ensino em que cada autor pretendia estudar, assim como o trabalho de Célia Carmem Martinson Lazzarini, sob o título de: A escola teuto-brasileira na zona rural e a participação da igreja evangélica no processo escolar comunitário Bom Retiro – Joaçaba – SC (1917 – 1938), e o trabalho de Eliane Mimesse: A educação e a imigração italiana: da escola de primeiras letras ao grupo escolar.

² Sobre a possibilidade de uso de variadas fontes na produção historiográfica em educação ver FARIA FILHO, L. M. **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. São Paulo: Autores Associados, 2000.

A escola teuta no município de Joaçaba, no estado de Santa Catarina, sobre a qual Lazzarini (2002) realizou a pesquisa, caracteriza-se como uma modalidade escolar diferenciada da escola pública. Por se destinar ao ensino dos filhos de imigrantes alemães, que se estabeleceram na região na segunda década do século XX, a escola toma um caráter comunitário, uma vez que essas escolas foram criadas e mantidas pelos imigrantes e com a participação da igreja evangélica. Conforme havia dito anteriormente, as escolas comunitárias caracterizavam-se por serem criadas com o intuito de manter a cultura estabelecida pelos grupos étnicos e, por vezes, garantir o ensino dos filhos de imigrantes, uma vez que o governo resistia em disponibilizar o ensino público nas colônias. Certamente, também a vinculação do processo escolar com a igreja luterana, que compactuava dos mesmos interesses da comunidade (uma colônia predominantemente evangélica), conforme disse a autora, se deu de maneira intencional e determinante, contribuindo para a manutenção de valores estabelecidos por aquela instituição e apoiada por aquela comunidade. Assim, a escola teuta na zona rural do município de Joaçaba configurou uma cultura escolar específica.

No trabalho, a autora privilegia alguns elementos da cultura escolar, dentre eles: o espaço escolar, os professores, as normas estabelecidas para a organização dessa modalidade escolar e os seus alunos. Para desvelar os aspectos dessa cultura escolar instituída a partir da representação dos ex-alunos, a autora utilizou-se das fontes orais. Essa modalidade de fonte enriqueceu o estudo proposto pela autora. Alguns aspectos que os documentos escritos não traziam, os depoimentos orais revelaram, principalmente, porque buscou-se através dessa dinâmica pesquisar juntos aos ex-alunos qual a representação que eles mantinham sobre a escola.

A autora realizou 15 entrevistas das quais se apropriou de 11, as demais, segundo a autora, foram utilizadas no decorrer do trabalho servindo para ilustrar aspectos contextuais.

Para isso, a autora estabeleceu procedimentos metodológicos no que diz respeito aos depoimentos daqueles que participaram do cenário escolar no período proposto, apoiada no aporte teórico das obras de autores como Garrido (1993), Pollack (1992) e Lozano (1998).

Conforme a citação abaixo, retirada das considerações finais, a participação da igreja e da comunidade na organização escolar do município de Joaçaba, de acordo com a autora, ultrapassou os limites da escola. A relação que a igreja mantinha com a escola foi determinante no processo de formação do indivíduo voltado para a própria igreja:

A criança deveria ser preparada para ser inserida na comunidade eclesiástica. Isto equivale à passagem da confirmação que ocorria aos 12 anos aproximadamente. A mola mestra para esta formação era a preservação da língua alemã na família, na escola, na igreja. Por isso aqui foi entendida a escola como um dos principais locais de lembrança em comum, para aquela fração de imigrantes, pelo envolvimento e diferentes usos sociais, culturais e religiosos. (LAZZARINI, 2002, p.133)

O trabalho com as fontes orais possibilitou que a autora pudesse verificar e concluir que a escola teuta no município de Joaçaba foi considerada como um dos principais locais de lembrança, um lugar de memória para a comunidade. Segundo Pierre Norra (1993, p. 21), *os lugares de memória* são aqueles investidos de simbologias e rituais. Afirma o autor:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração.

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual.

A escola é reconhecida como um lugar de memória, onde as relações escolares foram vivenciadas, de modo que essas relações tornaram-se capazes de permanecer como lembranças daqueles que fizeram parte desse processo, atribuindo-lhe o caráter simbólico.

No trabalho de Eliane Mimesse (2001), também é possível observar a importância atribuída às fontes orais. Ao contrário de Lazzarini, Mimesse aborda a educação de imigrantes italianos no município de São Caetano do Sul, estado de São Paulo, enfatizando a constituição do processo escolar desses imigrantes e elementos da cultura escolar como: métodos, alunos, professores, entre outros, utilizando-se também dos procedimentos da história oral. O trabalho foi constituído por uma riqueza de fontes escritas, porém, as fontes orais auxiliaram no entendimento de aspectos desde contextuais até escolares, pois, conforme Maurice Haubwachs (1990, p. 71), “a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir em quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado”.

O processo escolar dos imigrantes italianos no município de São Caetano do Sul configura uma realidade oposta àquela exposta no trabalho de Lazzarini (2002) sobre a escola teuta. Com esse grupo étnico (italiano), a escolarização dos filhos desses imigrantes não se deu através de uma rede de escolas comunitárias ou étnicas, mas a partir da inserção desses imigrantes no sistema público de ensino implantado na colônia, conforme aquele proposto pelo governo dentro de todo o estado, e seguiu, posteriormente, a ampliação desse sistema devido ao crescimento econômico e populacional da região. Essa realidade histórica do processo de ensino daqueles imigrantes suprimiu as diferenças étnicas. Nessas escolas, as aulas eram dadas em língua portuguesa com livros didáticos também em língua portuguesa e, ainda, por professores brasileiros. A manutenção do idioma, de costumes e valores trazidos pelo grupo foi conservada na família e na igreja (católica).

Nos depoimentos que a autora insere no decorrer de sua discussão através do trabalho, foi possível observar que os depoentes falavam sobre a dificuldade de aprendizagem de uma língua diferente, sobre a precariedade da escola e a falta de professores e outros aspectos que demonstraram a aproximação do ensino desses

imigrantes àquele estabelecido em todo o estado de São Paulo, porém, em todo o momento foi ressaltada a importância da escola dada por esse grupo. Com a apropriação das fontes orais e os demais documentos históricos para a reconstrução daquele processo escolar, inferiu-se que nessas escolas houve uma uniformização do ensino e não uma manutenção da cultura (costumes, valores, idioma) estabelecida pelo grupo étnico do qual faziam parte através da escola.

Foi importante notar, que em ambos os estudos, o uso das fontes orais representou o resgate de uma memória coletiva que até então permanecia silenciada e foi revelada através do trabalho do historiador. Conforme diz De Decca (1993, p. 130):

O esforço desses historiadores representou, numa certa medida, uma tentativa de resgate de uma memória coletiva espontânea produzida por meio de símbolos, comemorações, livros e monumentos e que conservou lugares apropriados, não por um investimento particular e voluntário, mas por meio de vivências. Hoje, numa época onde a memória coletiva foi seqüestrada pela irreversibilidade do tempo histórico, resta redescobrir os lugares onde esta memória coletiva se preservou espontaneamente, em gestos, posturas, hábitos e na sabedoria de nossos silêncios. Poderíamos dizer que hoje a memória coletiva encontra-se refugiada em lugares poucos visíveis, preservada tenuamente por meio de rituais e celebrações onde os grupos a mantêm ciosamente resguardada do assalto da história, ou então em lugares mais imperceptíveis ainda, como em nossos gestos, nos saberes de nosso silêncio e em nossos hábitos.

É inegável reconhecer a escola (práticas educativas, métodos e materiais, professores) como um lugar de memória, não produzido e nem conservado para ser referência da história, mas onde espontaneamente a memória coletiva foi preservada por meio de símbolos e rituais.

Podemos perceber que entre esses dois grupos étnicos distintos abordados no estudo das duas autoras, ainda que se tratando de imigrantes, apresenta-se de modo claro aquilo que o estudo da etnicidade deve contemplar, ou seja, as diferenciações culturais. Assim, o trabalho com a etnia como categoria de análise em educação expressivamente revela

aspectos advindo de experiências individuais e de grupos que caracterizam as diferenciações culturais que se revelam também no processo escolar.

REFERÊNCIAS

- DE DECCA, Edegar Salvadori. Memória e cidadania. **Entrepasados: Revista de História**. Buenos Aires, n. 3, 1993. p. 111-120.
- FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas y cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. 1995, n.1.
- GARRIDO, Joan Del Alcázar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. In: Memória, história e historiografia. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.13, n. 25/26, p. 33-54, 1993.
- HAUBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 71.
- JULIA, Dominique. A cultura como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, 2001, n. 1 p. 10.
- KREUTZ, Lucio. **Identidade étnica e processo escolar**. In: XXV Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. Caxambu, 1998. p. 3.
- KREUTZ, Lucio. Educação de Imigrantes no Brasil. In: **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2000. p. 348.
- LAZZARINI, Célia C. M. **A escola teuto-brasileira na zona rural e a participação da igreja evangélica no processo escolar comunitário Bom Retiro – Joaçaba –SC (1917 a 1938)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, 2002. p. 133.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- MIMESSE, Eliane. **A educação e os imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar**. Fundação Pró-Memória: São Caetano do Sul, 2001.
- NORRA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo, 1993. p.21.
- POLLACK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos: teoria e história**. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992.
- RODRIGUES, Maysa Gomes. **As categorias etnia e imigrantes na História da Educação Brasileira**. In: Anais do VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. CD-Rom. Uberlândia: UFU, 2006. p. 1355-1369.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Zahar: Rio de Janeiro, 1981.